NESSE MOMENTO, eu não tinha certeza se estava procurando por humanos ou apenas por bicicletas.

Essa região estava particularmente tomada pela vegetação, em comparação com as cidades — uma natureza exuberante, intocada pelas mãos humanas, florescendo livremente. Talvez este planeta fosse mais estável sem tantos humanos nele.

Era esse tipo de pensamento que poderia ter passado pela minha cabeça enquanto eu vasculhava o lugar em busca do meu alvo. Para me manter orientada, eu lançava olhares ocasionais por cima do ombro na direção da árvore gigantesca que eu havia designado como ponto de referência. Atrás dela, via aquele céu perpétuo cor de caramelo. As nuvens tinham se espalhado em todas as direções, como se fugissem do pôr do sol.

“Doo doo dooooo… daaah da da daaah… doo doo dooooo… ho ho ho…”

“Ho…?” Parei de repente, então puxei Yashiro da minha mochila e a coloquei no chão.

“O que foi?”

“Acho que está na hora de você andar um pouco por conta própria.”

“Por que isso?”

“Porque eu estou mandando.” Tradução: Porque eu percebi que ela estava só se aproveitando.

“Ah, muito bem.”

Ela caminhou ao meu lado. Nunca a vi perder o fôlego ou sequer suar. Ela simplesmente nunca perdia o brilho. Ainda assim, ficar me perguntando sobre cada pequeno mistério era cansativo demais, então em algum momento eu passei a simplesmente ignorar.

Há quanto tempo eu tinha começado a viajar com essa forma de vida não identificada? Às vezes, eu suspeitava que tudo pareceria muito mais poético se ela fosse um cachorro. Por outro lado, cachorros não sabiam conversar, então talvez esse fosse um negócio melhor.

“Aliás, para onde estamos indo?” ela perguntou depois de termos caminhado um pouco.

“Não sei exatamente. Só para onde houver uma bicicleta.”

Em busca de um substituto para a bike que eu tinha usado até a morte, eu vaguei floresta adentro, onde as árvores pareciam absorver todo o vento, deixando apenas um calor pesado pairando sobre nós. Bem, usei a palavra “floresta”, mas eu podia ver os restos de construções antigas aqui e ali, então tinha quase certeza de que aquilo já havia sido uma cidade em algum momento. E sobreviventes tendiam a viver entre ruínas… de acordo com a pessoa que tinha me criado. Pelo menos para nós, isso fosse verdade. Assim, eu esperava encontrar convenientemente uma bicicleta abandonada em algum lugar por ali.

“Uma bicicleta, você diz…?” Yashiro andava sem dar o menor sinal de que estava ajudando a procurar. “Você precisa mesmo de uma?”

“Preciso.”

“Mas achei que você tivesse dito que encontrou um lugar onde talvez houvesse pessoas.”

“Sim, encontrei.” Eu sentia o olhar dela sobre mim enquanto caminhava, como se não entendesse minhas prioridades. *Ela simplesmente não entende, não é?* “Mas para chegar lá, vou precisar de uma bicicleta.”

“Por quê?”

“Para poder dar o fora rápido, se for preciso.” A pé e sem conhecer direito o terreno, eu estava em desvantagem. Com uma bicicleta, porém, seria muito menos provável que alguém conseguisse me alcançar. Mas, claro, eu duvidava que Yashiro fosse entender qualquer uma dessas razões. “Não há garantia de que eles serão amigáveis, sabe?” acrescentei. Eu não podia assumir que os outros compartilhariam minhas motivações. Isso era apenas bom senso.

“Uauuu,” exclamou Yashiro, embora eu tivesse certeza de que ela não dava a mínima. “Você é realmente uma pata esquisito, Chito-san.”

“Olha quem fala,” ri.

“Eu fico na dúvida se você realmente quer encontrar pessoas.”

“Ugh…”

Eu odiava quando ela me enxergava por completo — e ainda por cima com aquele sorrisinho bobo no rosto. Às vezes, ela quase me enganava a ponto de eu pensar que fosse uma garota profunda e introspectiva.

“Ah. Acabei de me lembrar.”

“Hmm?”

Ela se afastou um pouco de mim, girou em círculo, parou virada para uma direção específica e saiu correndo.

“Ei! Pra onde você vai, alienígena?!”

“Já vou voltaaaar!”

Acenando, desapareceu entre as árvores. Eu comecei a correr atrás dela, mas sua silhueta miúda se escondeu nas sombras, e percebi que não conseguiria acompanhá-la.

“Usando bem seus poderes de criatura mística, pelo visto…”

Tudo o que pude fazer foi observá-la sumir e me perguntar como conseguia se mover tão rápido. De pé, cocei a cabeça. Eu não tinha um motivo claro para viajar com ela; tínhamos esbarrado uma na outra por acaso, e pronto, estávamos juntas. Mesmo agora, eu apenas deixava a corrente me levar.

“Acho que posso esperar por um tempinho.” Baixando minha mochila, desabei ali mesmo. A temperatura do ar pareceu subir quase de imediato. “Também não é como se ela pudesse ir muito longe.”

Caí de costas como se tivesse sido derrotada e, no processo, senti uma leve fisgada, talvez lâminas de grama espetando minha bochecha. Enquanto se misturavam ao meu cabelo, ambos igualmente quentes ao toque, eu quase podia alucinar que havia me tornado uma só com a própria terra. Se ficasse ali tempo suficiente, talvez criasse raízes e nunca mais me levantasse.

Claro que não demorou nem tanto tempo para a Yashiro voltar. Ela correu por entre as árvores sem parar, quase como se passasse através delas. Diferente de antes, suas mãozinhas agora estavam carregadas de frutas.

“Entendi. Você lembrou que estava com fome?” ironizei, sorrindo.

Então ela veio direto até mim e me ofereceu uma das frutas.

“Hã…?” Esse não era um comportamento comum para a pequena gulosa, então me sentei surpresa.

“Hoje é o aniversário do dia em que nos conhecemos.”

“É mesmo?”

“Eu estive contando, então tenho quase certeza.”

Peguei o presente da mão dela. Era a fruta de casca vermelha que sempre comíamos. “É, parece que foi mais ou menos nessa época do ano, né?”

Alguém poderia pensar que seria difícil acompanhar datas e estações em um mundo onde o clima mal mudava, mas em algum lugar da minha memória eu havia gravado a sensação do ar contra a minha pele. Nessa época do ano, o calor era como um cobertor pegajoso. Sacudindo essa sensação, ergui a cabeça e absorvi tudo o que caía do céu.

“Aniversários são muito importantes.”

“Ah, é? É mesmo?”

“Foi o que me disseram.”

Você não parece muito confiante. Diante do sorriso radiante dela, soltei um suspiro. “Aniversários, hein…?”

Resmungando para mim mesma, mordi a fruta.

***

“Ah. É meu aniversário.”

Eu merecia elogios só por ter percebido isso. Estranhamente, eu sempre esquecia disso e só lembrava muito mais tarde a cada ano. Será que aniversários eram mesmo tão entediantes para mim? Que tipo de aniversário poderia ser chato, afinal?

“Devia ser mais chamativo… tipo papel dourado de origami brilhante…”

A essa altura, nem eu mesma sabia o que queria dizer, então parei de pensar no assunto. Talvez aniversários simplesmente não fossem empolgantes nessa idade. Afinal, eu já tinha tido tantos.

“Hmmm…”

E assim, eu completei vinte anos.

“Espera, eu estou na casa dos vinte agora? Sério?”

Naturalmente, não houve resposta do ar vazio, nem qualquer indício. Belisquei minhas bochechas, pulei no lugar, até balancei o quadril, mas meu corpo não parecia em nada diferente de ontem.

“Ah, tanto faz.”

Folheando o calendário, encontrei a data de hoje e desenhei uma estrela nela. Cada uma das cinco pontas saiu do mesmo tamanho. *Uau. Eu sou adulta mesmo!* Admirei minha estrela perfeita por um instante, depois olhei ao redor do quarto, me perguntando o que fazer comigo mesma.

Era fim de semana, mas eu tinha acordado surpreendentemente cedo; ainda era de manhã do lado de fora da janela. Semicerrei os olhos contra a luz forte do sol e estendi a mão para pegar o celular. Ninguém tinha tentado me contatar.

“Hunf. E eu achando que a Adachi teria tudo sobre mim decorado,” murmurei baixinho, fazendo meu rosto corar. Será que eu estava só sendo arrogante?

Levando em conta que o primeiro nome da Adachi era “Sakura”, ela merecia muito mais do que eu um aniversário na primavera. O meu nome, por outro lado, era escrito com o kanji para “lua”, então a sua sensação sazonal era mais… outonal, talvez? Lua da colheita e coisas do tipo. Por outro lado, eu gostava de ver o brilho esmaecido da lua no céu azul-claro durante um longo dia de verão. Bem maneiro.

Meus pensamentos seguiram num devaneio desconexo até que finalmente decidi tomar café da manhã e saí do quarto. No corredor, a casa também não parecia diferente em nada.

“Ah, esqueci.”

Imediatamente voltei ao quarto para pegar o celular, assim o teria sempre à mão caso a Adachi ligasse. Porém, quando entrei, vi um bumbumzinho e um par de pernas saindo debaixo do meu cobertor. *De onde você saiu?!*

“O que você tá fazendo?”

Como se fosse em resposta à minha pergunta, as pernas se mexeram; agarrei os tornozelos dela e a puxei para fora. Pendurada de cabeça para baixo, ela me encarou calmamente, com o cabelo de alguma forma desafiando a gravidade. “Nada de especial.”

“Imaginei.”

Obviamente, era a Yashiro — quem mais seria? Bem, talvez minha mãe fizesse isso só para me zoar… Enquanto eu cogitava essa possibilidade, Yashiro girou para ficar de pé. Hoje, ela usava um macacão de leão; ontem, tinha sido um de galinha que minha irmã comprou para ela. Pessoalmente, eu preferia o de galinha.

“Bom dia.”

“Sim, sim, bom dia.”

“Hmm?” Ela estreitou os olhos, olhando para o calendário. “Hoje está marcado com uma estrela.”

“A estrela é para aniversários.”

“Uaaau.” Depois dessa resposta meia-boca, ela veio andando até mim. “É o seu aniversário, Shimamura-san?”

“Sim. Meu vigésimo, na verdade.”

Levantei dois dedos; pelo vão do meu sinal de paz involuntário, eu conseguia ver os olhos azuis da Yashiro. Eles se moviam devagar, como planetas gêmeos flutuando pela galáxia.

“Vinte anos, já? Você ainda é praticamente um bebê.”

“Não tão bebê quanto você, pirralha. Quando é o seu aniversário, afinal?” perguntei sem pensar muito. Tive que me segurar para não completar a frase com “se é que você tem um”. Obviamente, ela tinha que ter um aniversário, ainda que em certos momentos parecesse não se importar com tais coisas.

“Meu aniversário? Deixe-me pensar…” Ela começou a contar alguma coisa nos dedos gordinhos, mas logo desistiu e deixou as mãos caírem. “Hoje serve.”

“Hoje?”

“Isso significa que combinamos!”

“Ha ha ha…” Vendo-a saltitar de alegria, decidi não contestar.

“Vou agora mesmo me gabar para a Pequena!” Com isso, saiu correndo do quarto, com os braços esticados para a frente.

“Do que é que tem pra se gabar…?”

Ter um aniversário era tão banal. Agora eu estava mesmo começando a achar que ela não tinha nenhum. Celular em mãos, segui para a cozinha.

“Tá tão quente…” Mal tinha andado três metros e já estava suando como se já fosse verão.

Então uma voz vinda da sala me chamou: “Ei, vem aqui!”

Voltando alguns passos, espreitei dentro da sala e vi minha mãe deitada de lado em frente à televisão, abraçando uma almofada como uma lontra segurando uma concha.

Quando me viu, ela se levantou num pulo. “Fiquei sabendo que hoje é seu aniversário.”

“Você não devia ter esse tipo de coisa decorado, mãe?”

“Ah, pare. Tô claramente só brincando! Pfff ha ha ha ha!” Quando tentei ignorá-la, ela bateu no chão. “Vem sentar aqui.”

“E o café da manhã?”

“Isso pode esperar!”

Guiada pelas batidas irritantes no chão, acabei me sentando ao lado dela, meio a contragosto.

“Agora deita.”

Ela agarrou minha cabeça e meus ombros e me puxou para perto. Sem conseguir lutar contra a força que a academia lhe dava, caí de lado. Com a cabeça agora em seu colo, olhei para cima. “O que foi?”

“Não parece uma cena especial de aniversário?”

Como é que eu ia saber?

Seus dedos deslizaram pelo meu cabelo até meu lóbulo exposto e me deram um beliscão. “Feliz aniversário!”

“Valeu, viu.”

Aquele beliscão não parecia exatamente um gesto carinhoso, mas quando tentei me levantar — “Ei!” — ela me segurou, me obrigando a participar da comemoração. (Nunca pensei que teria que escrever essas palavras nessa ordem, mas aqui estamos.) Quanto tempo fazia desde a última vez que eu tinha descansado a cabeça no colo dela? Só de imaginar minha irmãzinha entrando e nos vendo assim, me dava calafrios — conhecendo ela, nunca mais ia me deixar esquecer.

Enquanto eu me remexia inquieta, minha mãe encontrou meu redemoinho de cabelo e começou a enrolá-lo com os dedos.

“Você pode parar?!”

“Oh — achei um fio branco.”

“Tira ele!”

“Nem pensar. Fica com ele! É uma insígnia de adulto.”

Certamente não era uma insígnia que eu queria — mas talvez esse fosse o ponto. Nem tudo na vida adulta seria luz e flores. Claro que eu sabia que minha

mãe não tinha pensado nisso com tanta profundidade. Na TV à nossa frente, um repórter aparecia ao lado de um porco cor-de-rosa.

“Você realmente já não cabe mais no meu colo, hein, garota?” Enquanto falava, ela ainda deu um tapa na minha bunda, o que eu não gostei nem um pouco. “Vinte anos… Deus, eu me sinto tão velha.” Ela soltou um suspiro longo e pesado e, pela primeira vez, não consegui dizer se estava brincando. “Então, vai sair com a Adachi-chan hoje?”

“Sem planos ainda.”

Se eu perguntasse, Adachi com certeza sugeriria alguma coisa. Mas, por algum motivo, eu me via esperando — querendo que fosse ela a dar o primeiro passo. E se a meia-noite chegasse antes de eu ouvir algo dela, eu já estava preparada para deixar passar até o ano que vem… quando provavelmente faria a mesma coisa de novo.

“E você? Vê ela muito na academia?”

“Hã?”

“A Sra. Adachi, quero dizer.”

“Ah, não muito. E sempre que eu vejo ela, ela me manda para o inferno pelo menos duas vezes.”

“Uau. Vocês agora são melhores amigas, então.”

“Eu sei, né? Gah ha ha!” ela riu alegremente, e eu comecei a sentir um pouquinho de pena da mãe da Adachi. “Talvez a gente seja até mais próxima do que você e a filha dela.”

“Uhhh…” *Meio preocupante, se for verdade.*

“Enfim, tem alguma coisa especial que você queira comer hoje?”

“O que você quer dizer com especial?”

“Sabe, algo que você goste muito ou coisa assim?”

“Bem, tem *tamagoyaki* e *okonomiyaki*… também gosto de *yakisoba*…”

Sendo minha mãe, claro que ela conhecia todos esses pratos. Ainda assim, mesmo tendo feito a pergunta, ela não parecia animada com minha resposta. “Hm.”

“Você não ia fazer alguma coisa?” perguntei, perplexa.

“Ehhh…”

Que tipo de reação é essa?

“Eu já faço esses pratos o tempo todo.”

“E daí?”

“Acho que posso misturar tudo junto.”

A adição parecia ser a única solução que o cérebro dela era capaz de conceber. “Quantos você tem, cinco?”

Rindo, ela esfregou minhas costas suavemente, com um toque macio o suficiente para alcançar minha alma. Então, antes que eu pudesse processar totalmente a situação, ela se inclinou para olhar meu rosto.

“Algum problema?” perguntei.

“Só estava pensando em quando você era bebê.” O sorriso dela era tão familiar que não pude evitar vasculhar minhas memórias em busca dele. “Sempre que te via dormindo, eu dizia para mim mesma…”

“Sim?”

“Não acho que ela precise ser rica ou famosa… mas quero que seja uma menina atenciosa e forte.”

“Isso é… alguma referência a *Earthbound*?”

“Gah ha ha ha!” Ela desviou da pergunta. “E você é forte?”

“Como é que é ser forte?”

“Isso é alguma referência a *Hajime no Ippo*?” Enquanto falava, ela fechou os olhos e sorriu, depois olhou para mim novamente. “Se quer saber o que eu acho, força é ter coragem de não fugir das coisas que te assustam.”

Minha mãe raramente levava a si mesma a sério, então esse foi um raro presente de aniversário. Olhei para ela, perseguindo aquele raio de luz escorregadio; ela ainda sorria suavemente para mim, como se eu fosse seu bebê de novo.

“Acho que é por isso que vou me esforçar, então.” *Agora que já estou adulta.*

“Ótimo.” Ela me deu outro tapa na bunda. Eu era o tambor pessoal dela agora?

“Eh, tanto faz.” Só desta vez, de algum modo, não fiquei brava com ela.

“Vinte anos,” murmurou de novo. Depois, bufou. “Sortuda!” Do nada, puxou meu cabelo.

“Gah!” Senti uma pequena pontada no couro cabeludo. “Dá pra parar!?”

“O quê? Você mesma disse para eu puxar o fio de cabelo.”

“O fio branco?”

“Talvez.”

“Ei!”

Como se quisesse me provocar, ela levou a mão ao meu rosto e abriu os dedos. Diante dos meus olhos, um único fio de cabelo caiu até o chão — e, sim, era branco.

***

Há muito tempo, eu tinha lido um ensaio escrito por alguém sobre seu vigésimo aniversário. Nele, o autor afirmava que, a partir daquele dia, toda a sua cidade parecia completamente nova. Decidi testar essa teoria por mim mesma.

“Esquerda, direita, esquerda…”

As ruas estavam tão vazias que eu não sentia constrangimento algum em resmungar para mim mesma enquanto caminhava. O caminho até a estação de trem não parecia diferente de ontem; no máximo, a relativa falta de nuvens fazia o sol da manhã parecer um pouco mais brilhante. Nenhuma transformação milagrosa tinha dado nova vida à minha realidade cotidiana. Lentamente, o estranho sentimento de conquista que tive em casa começou a se esvair.

“Hmmm…”

Verifiquei o celular mais uma vez. Ainda não havia notícias da Adachi — o que não tinha problema, claro. Mas, se possível, eu queria que ela lembrasse do meu aniversário sem que eu precisasse avisar. *Você consegue, Adachi!*

“Será que tô sendo exigente demais…?” murmurei em voz alta enquanto guardava o celular. Mas, de certa forma, foi responsabilidade dela eu ter essas expectativas. Quer dizer, por ela… hum… ter me largado por aí. Agora eu estava a mundos de distância do meu eu anterior, sentindo coisas que aquele eu nunca teria sonhado. E, sem a Adachi, esta cidade era apenas uma cidade comum.

Foi então que percebi: não era minha idade que me mudaria. Para o bem ou para o mal, era a Adachi cujos altos e baixos me colocavam numa montanha-russa emocional. Esse era o tipo de velocidade que ela podia alcançar — embora, admito, às vezes ela perdesse o controle e nos mandasse de cabeça contra uma parede de tijolos.

Comecei a me perguntar se havia algum sentido em andar por aqui. Mesmo assim, meus pés continuaram por pura inércia, até que…

“Ora, se não é a Shimama-chan!” uma voz chamou de um pouco abaixo da minha linha de visão — *Perdão, isso não é falta de educação?* Me virei para olhar.

Era a Hino. Ela devia ter completado vinte anos este ano, mas continuava tão baixinha quanto no ensino médio. Vestida com um quimono vermelho, ela me acenou timidamente. Eu a via usando roupas tradicionais japonesas pela cidade com mais frequência nos últimos tempos; talvez estivesse relacionado às responsabilidades familiares dela, ou talvez ela simplesmente preferisse assim. De qualquer forma, fui até ela.

“Não tem nada para fazer hoje?” ela perguntou.

“Na minha opinião, todos os fins de semana deveriam ser assim.” Afinal, eles eram feitos para descansar.

“Verdade.”

Hino arregaçou as mangas compridas e cruzou os braços. O cabelo estava preso em um coque, combinando com o visual tradicional. Ela olhou para o céu, se mexeu de um lado para o outro e começou a dar tapinhas no meu ombro, sugerindo que estava tão entediada quanto eu.

“Na verdade, eu ia dar uma caminhada antes de trombar com você, Shimamama-chan,” explicou, acrescentando casualmente mais um “ma.”

“Ah, certo. Sua casa fica nesse bairro, não é?”

“É só dois minutos de caminhada até você vê-la, mas leva dez minutos pra chegar à porta da frente.”

“Parece um bom exercício.”

Enquanto eu acompanhava o papo fiado de garota rica, ela se virou. “Já que tá aqui, quer visitar pra tomar uma xícara de chá?”

“Na mansão Hino?”

“Onde mais a gente ia conseguir bebidas de graça? Bem, acho que também dá pra ir na casa da Nagafuji.”

“Ok, então aceito o convite.” Eu não tinha muitas oportunidades de conversar com a Hino agora que não estávamos mais na escola, então pensei: *Claro, pode ser.*

Eu só tinha ido à casa da Hino uma vez. Mesmo assim, nunca tinha entrado de fato — mas a paisagem ao redor era realmente inesquecível. Tinha tanto bambu! Enquanto caminhávamos entre as árvores, a luz do sol passava em um tom verde suave que parecia remover todas as minhas impurezas. Quando contei isso à minha mãe depois, ela disse que já tinha tido uma experiência parecida — “Fui explorar lá e quase fui presa,” nas palavras dela. Livre como era, às vezes realmente precisava de alguém para contê-la. *Faça seu trabalho, pai.*

“A Nagafuji está por aí?”

“Não seja idiota. É a minha casa.”

É, por isso que perguntei.

O caminho até a casa da Hino estava tão agradável quanto eu lembrava. O próprio ar parecia diferente ali, quase como se eu tivesse entrado em um resort turístico — silencioso e agradavelmente fresco, como um cobertor invisível de neve em pó. O vento trazia um leve aroma de algum lugar além das árvores, e eu respirei fundo. À minha frente, Hino caminhava despreocupada, como se tudo fosse perfeitamente normal — porque, para ela, de fato era.

No fim, dez minutos era exagero, mas ainda assim levou cinco minutos completos para chegar à porta da frente. Além do amplo quintal, que só podia ser descrito como “pitoresco,” vi vários carros estacionados. Sem dizer uma palavra ou sequer olhar na direção deles, Hino entrou em casa, e eu a segui.

“Cheguei em caaaasa!”

“Já voltou tão cedo, minha senhora?” Uma mulher de meia-idade, limpando o armário de sapatos, presumivelmente uma assistente doméstica, olhou por cima do ombro para a Hino. Ela me notou ali parada e rapidamente se levantou. “Perdoe minha indelicadeza.”

“Tá tudo bem — ela é só uma amiga. Continue, continue.”

Hino deu um tapinha no ombro dela. Sorrindo cansada, a mulher se ajoelhou de novo. Com um rápido aceno para ela, tirei meus sapatos, indo colocá-los no armário — mas a mulher os pegou de mim e fez isso sozinha. Me inclinei novamente em sinal de respeito.

“Parece um mundo completamente diferente aqui. Um mundo com empregadas,” comentei baixinho enquanto caminhávamos pelo corredor.

“Você disse quase a mesma coisa da última vez.”

“Disse?”

Quando franzi a testa, confusa, ela riu. “Nossa. Sua memória é tão ruim quanto a da Nagafuji.”

“Uou.” Ao passar por uma porta aberta, uma cabecinha surgiu e eu parei na hora. O bebê olhou para nós, com apenas um tufo de cabelo. “Essa é sua… irmã?”

“Sério?” Hino respondeu com ironia. “Melhor que minha filha, eu acho… Não, é do meu irmão. Ele não se mudou depois de casar, diferente dos nossos irmãos mais velhos.”

Abaixando-se, Hino estendeu a mão, e seu sobrinho (ou sobrinha — eu não consegui distinguir) engatinhou até ela. Ela levantou o bebê nos braços, onde ele parecia perfeitamente contente em me observar por cima do ombro dela.

“Oiiiii,” cumprimentei, levantando a mão. Nenhuma reação. Baixei a mão de volta, meio sem jeito.

“Muita energia de irmã mais velha, mas nenhuma vibe de mamãe ainda, pelo visto.”

“Não tenho certeza se quero saber o que essas coisas significam.”

Considerando meu relacionamento com a Adachi, eu certamente tinha um pouco de vibe de mamãe — embora a Adachi não gostasse muito disso. O que tornava a postura de irmã mais velha tão diferente? Evidentemente, era uma linha tênue.

No instante seguinte, uma mulher — provavelmente a mãe do bebê — juntou-se a nós no corredor. “Desculpe, Akira-chan!”

“Eh, tudo bem.”

Quando Hino tentou entregar o bebê, no entanto, ele abriu as narinas como se fosse chorar. Ela rapidamente o pegou de volta, mas ele fez uma cara de poucos amigos.

“Você é popular, hein, titia?”

“Acho que sim…”

Sob seu sorriso autodepreciativo, dava para ver que ela estava um pouquinho satisfeita.

Com o bebê agora cuidado, Hino me levou até seu quarto. Era a primeira vez que eu entrava ali. O cômodo era claramente muito maior do que o que eu dividia com minha irmã, e ao olhar ao redor, não pude deixar de me perguntar como uma pessoa podia usar todo aquele espaço.

Nesse momento, uma almofada cor indigo de chão voou na minha direção, girando horizontalmente. Por puro reflexo, eu a empurrei para o chão.

“Vou preparar o chá.”

“Beleza.”

“Sinta-se à vontade para ler meus mangás.”

“Pode deixar.”

Hino desapareceu de volta pelo corredor. Do outro lado do quarto, da porta opaca de *fusuma*, havia uma porta de treliça no estilo *shoji*; ao abri-la, encontrei um corredor aberto que contornava um espaçoso pátio.

“Uooou,” murmurei, admirando o cascalho branco-brilhante. Não é de se admirar que a minha mãe quase tenha sido presa por invasão — este lugar realmente parecia um resort.

Em seguida, examinei a estante da Hino, que tinha cinco prateleiras no total. As duas de baixo estavam cheias de mangás, a prateleira central era reservada para romances, e a segunda de cima abrigava um conjunto de livros grossos de capa dura. A princípio, pensei que fossem enciclopédias, mas não exatamente; percebi pelos títulos nas lombadas que eram livros de instrução sobre a arte da cerimônia do chá e outros assuntos relacionados ao negócio da família da Hino. Pelo estado desgastado das encadernações, cada um havia sido lido e relido muitas, muitas vezes.

Quanto à prateleira mais alta, estava cheia de livros escolares, do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. *Nossa, eu tinha o mesmo livro de música! Que nostalgia.* Abaixando, observei a coleção de mangás da Hino, passando o dedo pelas lombadas.

“*Asagao to Kase-san*… Certo, funciona.”

Os livros estavam organizados em ordem alfabética pelo título — não pelo sobrenome do autor, o que me pareceu incomum. Pegando um aleatoriamente, desloquei uma almofada de chão para o centro do quarto. Alguém uma vez disse que não se sentia confortável a menos que se sentasse no canto — quem foi mesmo? Meus olhos estavam nas páginas à minha frente, mas procurei na memória pela resposta… Mas antes que eu encontrasse algo, Hino voltou, carregando uma bandeja.

“Seus livros estão organizados de um jeito estranho,” comentei, apontando para as prateleiras.

“Ah, sim, a Nagafuji se entediou e resolveu reorganizá-los faz um tempo.”

“Entendi.”

Hino se sentou à minha frente, colocando a bandeja entre nós, e deslizou uma xícara de chá na minha direção. “E aqui está nosso lanchinho para a hora do chá.” Ela pegou uma caixinha aberta forrada com pequenas latinhas de metal — *konpeito*, se os rótulos eram alguma indicação — e a sacudiu.

“Que… luxuoso.” Especialmente o chá. O aroma que subia com o vapor tinha uma riqueza profunda. Pessoalmente, eu estaria bem com qualquer coisa comprada em uma loja comum.

“Isso era tudo o que tínhamos na cozinha, além de bebida alcoólica.”

“Ah, eu posso beber. Hoje é meu aniversário.” Não que eu já tivesse provado álcool alguma vez.

“Sério? Nesse caso, você pode pegar dois desses, como um mimo.” Ela colocou dois *konpeitos* marrons lado a lado.

Só isso? Bem, melhor do que nada. Estendi a mão e os peguei.

“Ah, tô brincando com você,” Hino acrescentou, me entregando a lata inteira. “Pegue quantos quiser.”

“Ah, obrigada.” Coloquei apenas um na boca para começar — e me surpreendi. “Uau. São bons.”

A qualidade estava muito além de qualquer doce que eu conhecia, e pelo sabor refrescante que ficava depois, suspeitei que fossem super caros. Eu odiaria que a Yashiro descobrisse sobre eles.

“Acho que a Nagafuji teve a mesma reação. Faz um bom tempo.”

“Isso é bom ou ruim?” brinquei, e Hino mostrou seus dentes perolados em um sorriso.

Sentamos em silêncio por um tempo, apenas bebendo chá e contemplando o jardim. Pensei em iniciar uma conversa sobre outro assunto, mas, na verdade, meu coração estava em paz apenas flutuando naquela serenidade. Da mesma forma, Hino tomava seu chá com um ritmo elegante, como se buscasse algo mais na superfície do líquido. Diferente de mim, cada gesto dela era perfeitamente ensaiado. Já não estávamos mais no ensino médio, mas ainda era evidente o quanto nossos pais nos criaram de formas diferentes.

E lá estava eu, embriagada da emoção de comer *konpeito* sofisticado e lavá-los com chá refinado. Quando nossas xícaras finalmente esvaziaram, Hino se levantou.

“Me diga, querida Shima-san, você é melhor em *shogi* ou *go*?”

“Não faço ideia sobre *go*, mas sei jogar *shogi*.”

Quando criança, eu jogava no campo com meu avô, que sempre se deliciava com suas vitórias esmagadoras sobre mim. Depois, ele me dava um tapinha na cabeça e dizia que um dia eu iria vencê-lo.

Naqueles dias, éramos eu, meu avô e…

“……”

E agora eu tinha vinte anos, e ainda não o havia esquecido.

“Então será *shogi*.”

Hino caminhou até o canto do quarto e pegou um tabuleiro de *shogi* envelhecido, mas bem conservado. Não sou especialista em antiguidades, claro, mas suspeitei que também fosse caro. Passei o dedo pela superfície lisa da

madeira. Por que tudo na casa da Hino parecia tão agradável? “Refinado” seria a palavra certa?

“Honestamente, eu sou muito melhor em *Othello*,” comentou Hino.

“Então não deveríamos jogar isso em vez de *shogi*?”

“Ha! Uma batalha digna só pode ser travada em terreno equilibrado.”

“Ah, cala a boca.”

“Essa foi minha imitação da Nagafuji.”

Após alfinetar nossa amiga ausente, Hino começou a alinhar as peças. Para ser justa, aquilo soava como algo que a Nagafuji diria.

Eu seria capaz de fazer uma imitação da Adachi? Talvez não. Imitar toda aquela energia exigiria muito esforço.

Sempre gostei do som das peças batendo na madeira. Por algum motivo, me lembrava de cortadores de unha. Por um instante, pensei em comentar isso com a Hino. Já tinha mencionado ao meu avô uma vez, mas ele apenas riu de mim.

“Então, o que você anda fazendo, Hino?” arrisquei, meu olhar passeando pela fila arrumada de peões.

“Eu? Nada,” respondeu ela, pegando uma peça e avançando uma casa. Depois se inclinou para frente, apoiando o queixo na palma da mão. “Desde que nos formamos, minha vida tem sido um grande nada. Só pescar, caminhar, ficar com a Nagafuji… é isso.”

“Sortuda você.”

“Essa é a vida de uma rica moderna. Não precisa trabalhar para manter o teto sobre a cabeça.” Ela soltou uma risada autodepreciativa. “E a faculdade, Shimama-chan?”

Não pude deixar de notar que o “ma” tinha voltado a ser dois, mas não me importei. “Hmmm, nada mal. Pelo menos até agora.”

“Que bom ouvir isso.”

Ela fazia cada movimento sem muita pausa. Quanto a mim, tinha uma boa noção das regras, mas não tinha estudado o jogo, então não conhecia estratégias específicas. Assim, movia minhas peças basicamente ao acaso.

“E a Ada-cheechee?”

“Ela está… ehh… bem.”

“Boas notícias, de fato.”

“Por que me perguntar, então?”

“Porque é mais fácil,” respondeu ela, de forma direta, franzindo os olhos para o tabuleiro de *shogi*.

“Imagino…” Eu não havia contado muito sobre a Adachi, mas talvez ela percebesse nossa ligação de algum jeito. Ainda assim, ela não perguntou diretamente — prova, talvez, de uma boa amizade. “Então vocês não têm bichos de estimação?” perguntei, desviando o olhar para o quintal.

“Hã? Quer dizer, alguns animais se mudaram para o nosso lago, mas eles não são pets.”

Ela disse de forma tão casual — como se ter um lago próprio em casa fosse a coisa mais normal do mundo. A única coisa que tinha se mudado para a minha casa era uma alienígena de cabelo azul… Pensando bem, talvez eu não tivesse moral para criticar.

“Considerando o quanto minha família ama viajar, ter pets complicaria as coisas.”

“Entendi.”

“Por que perguntou?”

“Só estava curiosa.” Deslizei minha torre pelo tabuleiro. Após um momento de reflexão, Hino moveu uma de suas peças em direção a ela. Agora minha pobre torre estava sozinha e em apuros. “Opa.”

“Você não está pensando direito, né?”

Sorrindo, cocei a cabeça, envergonhada. *Culpada como sempre.*

A partir daí, jogamos duas partidas, ambas perdidas por mim. Mais ou menos na hora em que estávamos considerando uma terceira…

“Ah, lembrei — você não disse que era seu aniversário?”

“É.”

“Espera um pouco.”

Levantando-se, Hino se afastou do nosso jogo e saiu da sala. Já antevendo o que estava por vir, sentei-me ereta enquanto esperava por ela. Claro, ela voltou com algo que, ao que tudo indicava, era um presente de aniversário.

“Você realmente não precisava…”

“Claro que precisava. Presentes são importantes, sabia! Deixa eu pensar em uma forma de explicar…”

“Ok.”

Cruzando os braços, Hino murmurou baixinho, lançando olhares pelo quintal além da porta de treliça. “A é de “awesome” (incrível), B é de “bestie” (melhor amiga)…“

“O que é isso, jardim de infância?”

“Era uma piada!” Estalando a junta do polegar, Hino olhou para o jardim. “Pegue o vento, por exemplo. Não conseguimos vê-lo diretamente, mas quando notamos as plantas balançando, sabemos que ele está lá.”

“É…?” Segui sua linha de visão até onde a brisa suave passava pelas plantas cuidadosamente cuidadas.

“Bem, talvez os presentes sejam assim também. São efeitos colaterais do coração humano invisível.” Sorrindo, ela deixou os braços caírem ao lado do corpo, inclinou-se para frente e repetiu: “O coração humano invisível.”

“Oooh. Muito legal,” murmurei, aplaudindo seu esforço.

“Eu sei, né?” Satisfeita consigo mesma, ela se recostou.

“Repete o que falou.”

Entregando meu presente, ela deu uma risadinha suave. “Não seja boba. Você sabe que eu já esqueci.”

É, imaginei.

No entanto, aquela conversa descontraída foi o bastante para mexer com a folhagem no meu coração.

***

“Cara, a mansão de garota rica de vocês é mesmo coisa de outro mundo.”

Minha mente e meu corpo estavam tão relaxados que, evidentemente, isso afrouxou meus lábios.

Depois de me servir um almoço delicioso, Hino havia (provavelmente brincando) sugerido que tomássemos um banho no meio do dia — ao que eu prontamente concordei. Relaxando na toalha depois, eu estava tão confortável que adormeci. Estranho como algo tão comum quanto um banho pós-refeição podia parecer muito mais revigorante aqui.

“Num minuto, estou cochilando, e no próximo, o sol já está se pondo.” Além disso, lembrava-me de estar sentada no corredor ao ar livre, mas agora me encontrava deitada em uma cama. “Você me trouxe até aqui?”

“Eu? Essa foi boa! Não, eu pedi pra Enome-san… uh, uma das assistentes.”

“Que atenciosa.”

“Aliás, você estava completamente apagada. Ela achou hilário.”

“Isso é realmente, hum, vergonhoso. Foi mal!” Ri, passando a mão pelo meu cabelo surpreendentemente sedoso.

“Você é meio avoada, sabia?”

“Hã? Eu sou?”

“Viu? Lá vai você de novo!”

Ela apontou para meu rosto, então estendi a mão para tocá-lo. Depois daquele banho, minha pele estava tão macia quanto manteiga.

Na saída, Hino me acompanhou até a porta da frente.

“Então, ouvi dizer que você vai se mudar depois da faculdade.”

Ouviu de quem? Perguntei a mim mesma. Mesmo assim, assenti. “Depende de onde eu for contratada, claro. Mas, idealmente, sim.”

“Então, acho que não vamos nos ver muito,” comentou casualmente.

Foi uma forma bem branda de colocar as coisas. Uma vez que eu me mudasse, literalmente não nos veríamos mais — possivelmente pelo resto de nossas vidas. Por um momento, não soube o que dizer.

“É desse jeito que noto que somos amigas. Se não fôssemos, nem pensaríamos em nos despedir,” continuou ela. Depois, fez uma pausa e coçou a bochecha. “Foi uma frase massa, né?”

“Com certeza! De novo, de novo!”

“Uhhh… Shima, você é minha parceira, beleza!” Hino explodiu em risada, e eu percebi que, desta vez, ela realmente não havia esquecido o que disse primeiro — ela só estava tímida.

“Chegou perto o suficiente.”

“Eu sei, né?” Com a mão na cintura, ela empinou o peito com orgulho. “Não importa quantos anos se passem, isso não muda o fato de que fomos amigas aqui e agora. Se você me perguntar, isso já basta.”

“…É.”

Ela fez parecer tão simples, mas me abalou profundamente. Para mim, soou como se ela encontrasse conforto na imutabilidade do passado — significava que as partes boas sempre estariam lá, eternamente preservadas.

“Então é isso.”

“É.”

“Dê um oi pra Adatsy por mim.”

Acenando, comecei a andar. Por um instante, pensei em dizer “Nos vemos por aí,” mas acabei decidindo não falar. Afinal, como ela disse, o que tínhamos não iria a lugar algum. E assim saí da casa dela, contemplando a vista do bosque de bambu tingido de âmbar, como ondas de grãos.

Então…

“Ah!”

Como que por encanto, meu celular vibrou — e, instantaneamente, eu soube quem havia me mandado mensagem.

Claro, pode vir, respondi. Então, ainda segurando o celular, estendi a mão bem à frente, em direção ao horizonte.

Que sensação estranha era aquela? Meu coração estava tomado pelo pôr do sol, bombeando direto para meu pulso. À medida que meus batimentos aceleravam, minha respiração também se intensificava, até que, enfim, o pôr do sol comum se tornou cor de tangerina, como se anunciasse a chegada de um novo mundo.

E ela “chegou”, pedalando a uma velocidade tão alucinante que pensei que pudesse me derrubar.

“Ha ha!” Ao vê-la, não consegui conter a risada, tão forte que minha voz acabou se quebrando.

***

Naquela noite, abri a janela da sala e olhei para o nosso quintal. Comparado ao da Hino, era minúsculo, mas aconchegante — o estado ideal para o lugar que eu chamava de lar. Eu poderia ter ficado ali para sempre, olhando distraidamente para o horizonte distante, relembrando as palavras que ouvi ao pôr do sol.

Pensando na Adachi.

O rubor pós-banho havia diminuído um pouco; agora se parecia com uma sonolência quente e acolhedora que me envolvia por dentro e por fora. Aquela sensação de satisfação suprema, evidentemente, não se limitava ao estômago.

“Você parece bem entretida,” uma voz infantil comentou de repente do alto. Um instante depois, uma cortina de partículas azuis começou a cair lentamente. Se ela estava sentada nos meus ombros, mal conseguia sentir.

“E você tem marcas de travesseiro no rosto.” Quando olhei para cima, aquilo — e a luz — era tudo o que eu conseguia ver.

“Quando minha barriga está cheia, fico sonolenta. É simplesmente o meu jeito.”

“Bem normal, na verdade.”

Eu a tirei dos meus ombros e a coloquei ao meu lado. Ela ficou ali sem fazer alarde, a cauda de leão balançando junto das suas pequenas pernas. Por que parecia quase ter vontade própria? Era só parte do pijama, certo?

“Você parece bem entretida,” repetiu.

Eu estava sorrindo ou algo assim? Toquei levemente meus lábios. Após um momento de reflexão, decidi que sua observação estava correta; aparentemente, eu estava. Afinal, era impossível lembrar de como Adachi havia agido hoje sem acabar rindo. “É, acho que sim.”

“É bom se divertir.”

Uma afirmação persuasiva, vinda de uma garota que aparentemente nunca parava de sorrir. Não havia nem um pingo de negatividade em seu corpo — como se ela fosse a personificação de tudo de bom no mundo. Nesse sentido, talvez ela se enquadrasse na mesma categoria da casa da Hino.

“E você? Minha irmã te deu algum presente ou algo assim?”

“Ela não acreditou em mim. Ho ho ho!” Yashiro sorriu radiante, depois baixou a voz para um sussurro conspiratório. “A Pequena é muito esperta, pois, na verdade, eu não sei quando é meu aniversário. Por favor, não conte a ninguém!”

Eu já tinha previsto isso de longe, mas acenei com a cabeça mesmo assim.

“Dito isso, ela me comprou uma barra de chocolate.”

“Legal.” Embora nenhum pedaço de chocolate pudesse ser mais doce do que minha irmãzinha.

“Espero que amanhã seja meu aniversário também.”

“Não é assim que seu aniversário funciona.” Eu cutuquei sua cabeça de leve; ela se inclinou de lado, gritando de alegria. “Aniversários são divertidos porque só acontecem uma vez em muuuito tempo.”

“É mesmo?”

“Sim,” respondi, imitando sua voz. Então soltei um suspiro. “Uma vez por ano, sua idade aumenta e então…”

“E então?”

“E então você continua se esforçando para comemorá-lo em vez de temê-lo. Pelo menos, esse é o meu plano.”

“Ohhh.” Ela não soava genuinamente impressionada.

Rindo, inclinei a cabeça para trás e pensei sentir um líquido frio escorrer pelas minhas bochechas e queixo. Levantei a mão para procurá-lo, mas não era o tipo de rastro que meus dedos conseguiriam seguir.

“E espero nunca parar… até o aniversário antes de morrer,” admiti, balançando o indicador. “Porque, quando a morte vier por mim… seria meio triste querer lutar contra ela.”

Afinal, esse desejo estaria fadado a não se realizar. Então, esperava estar pronta para receber a morte no meu último dia. Seria essa a mentalidade de uma pessoa fraca? Se eu fosse forte, estaria pronta para qualquer coisa? Eu ainda era uma completa covarde, então não sabia como seria a sensação.

“Hmmm.” Suas orelhas de leão se mexeram. “Para ser sincera, não entendo completamente.”

“Não estou surpresa.”

Na minha opinião, uma alienígena não precisava entender isso. Mas provavelmente era isso que eu gostava nela — a facilidade com que ela conseguia atravessar a distância entre si mesma e planetas inteiros.

Ela levantou a mão para fazer uma proposta. “No entanto, se você sentir que teria dificuldades sozinha, eu ficaria feliz em descobrir seu último dia com você!”

“Você… faria isso?”

“Heh heh heh. Sou uma pessoa muito boa, sabe.” Ela soava confiante.

“Meu último dia, hein…?” Embora eu apreciasse sua oferta gentil, isso estava (espero) muito distante. “Você sabe quando será?”

No pior dos cenários, eu poderia morrer esta noite enquanto dormia. Nada era garantido.

“Ho ho ho! Pelo menos, não é hoje.”

“Que bom. Isso realmente seria horrível.”

Adachi e eu já tínhamos planejado tantas coisas. Havia muitas promessas que eu ainda precisava cumprir. Antes de morrer, queria viver feliz para sempre… e compartilhar essa felicidade com ela.

“Por enquanto—” Yashiro abaixou o capuz, seu leve brilho azul iluminando o quarto — “desejo a você um feliz aniversário, Shimamura-san.”

As palavras me atingiram diretamente, e, como sempre, eu conseguia perceber a genuína bondade nelas.

“Você também,” respondi após uma pausa.

A sensação difusa que ficou depois da nossa conversa me fez estender a mão para acariciar seu cabelo. Era como se meus dedos estivessem penteando a luz da lua.

***

No fim, eu nunca encontrei uma bicicleta.

“Que perda de tempo e energia.”

“Ho ho ho!”

Ouvi Yashiro rir lá de cima e percebi que ela havia se enfiado de volta na mochila.

“Ah, tanto faz…” Pelo menos, por algum motivo, eu tinha recebido um presente de aniversário. Vendo por esse lado, não tinha sido uma perda completa. “Quantos anos faz que nos conhecemos, afinal?”

“Certamente menos de trezentos.”

“Estou começando a achar que você não sabe realmente contar.”

Quando saímos da floresta, reajustei a bagagem nos ombros. À nossa frente havia — para surpresa de ninguém — mais pôr do sol, desta vez cobrindo um prado. Pensando bem, talvez uma bicicleta não teria sido muito útil por aqui de qualquer forma.

“Hora de descobrir com o que estamos lidando, eu acho.”

Avistando algum tipo de poste à distância, comecei a caminhar naquela direção. Apesar do cansaço, eu até gostei do som da grama sob meus pés — *Fsh, fsh, fsh.* Mas também coçava meus tornozelos. Por um momento, eu senti raiva da Yashiro por pegar carona de graça. Por outro lado, ela parecia não ter sapatos, então eu teria me sentido horrível fazendo-a andar por esse lugar… ou será que minha compaixão por ela era em vão? Não que houvesse alguém para perguntar sobre isso.

“Será que vamos encontrar pessoas aqui?” ela perguntou.

“Não sei,” respondi, esticando o pescoço para olhar para as enormes árvores que agora se erguiam no lugar dos prédios. “Tudo que sei é que vi vestígios que sugerem isso.”

Por exemplo, a grama se abria formando um caminho — como se aquela área recebesse tráfego regular de pessoas. E isso… bem, me deixou em alerta, fazendo-me pensar exatamente em quantas pessoas poderiam estar por ali. Minhas memórias de outros humanos já estavam tingidas de sépia na época em que saí pela primeira vez, e eu mal lembrava como agir ao redor deles, já que não havia encontrado uma única pessoa desde então.

Não, a Yashiro não contava.

“Por algum motivo, os humanos gostam de acampar perto de coisas altas.”

“Oh?” Provavelmente para usar essas coisas como pontos de referência e conseguir voltar para casa, se eu tivesse que adivinhar.

“Eu gosto de ficar bem alto.”

“Eu aposto que gosta, baixinha.”

No dia em que nos conhecemos, ela havia caído do céu, de muito além do meu alcance — além das nuvens. Olhando para trás, eu deveria ter desconfiado mais dela. Mas então ela disse que vinha de muito longe, e isso me deu a ideia maluca de embarcar em uma longa jornada própria. Uma coisa levou à outra, e agora aqui estávamos.

Ou talvez eu nunca tenha realmente me importado com o que ela era. Talvez eu só quisesse alguém para conversar sob este céu doentio. Alguém para me manter em movimento. Alguém para chamar de amiga.

“Pelo menos agora sou mais alta que você.”

“Vou fazer você andar, sabe,” resmunguei.

Ela riu disso, porém. “Ho ho ho!”

Eu deveria ter sabido que esse tipo de ameaça não funcionaria com ela. *Ugh. Que idiota eu sou.* Meu coração parecia tão mole quanto suas bochechas.

“Então, você tem alguma missão aqui?” finalmente perguntei, depois de tantos anos sem realmente pensar sobre isso — talvez porque eu nunca tivesse parado para contemplar o propósito da minha própria jornada.

“Tecnicamente, sim.”

Foi uma resposta inesperada de uma criatura geralmente inútil. “Espera. Você tem?”

“Embora eu possa alcançá-la em breve.”

“Ah?” *Como exatamente?*

Olhei ao redor, mas não vi nada de extraordinário. Enquanto isso, ouvi o distante estrondo de um prédio, e senti seu colapso através da vibração sob meus calcanhares.

Meus passos diminuíram, e olhei para cima. “Ei. Eu realmente não sei quem você é, mas…”

“Sim?”

“Quando essa sua missão for cumprida, o que—”

“Oh. Há uma pessoa aqui.”

“O quê?”

Antes que eu pudesse terminar a pergunta, uma figura humanóide surgiu à vista, e minha voz morreu na garganta. Sua sombra era longa e fina, como se fosse projetada pelo sol — certamente menor que as árvores entre as quais estava escondida, mas aos meus olhos parecia tão distante. Embora hesitasse em reduzir aquele espaço, a figura se afastou do pôr do sol em minha direção… acompanhada pelo som de pneus girando. Instintivamente, fiquei em pé, rígida, enquanto meu olhar se prendia ao — *Bicicleta!*

“Hum…”

Imediatamente percebi a confusão e o desconforto na voz dela. Pela única vez na minha vida, o estalo e o desmoronar da cidade em decadência pareceram soar em sintonia com o batimento acelerado do meu coração.

Era uma garota de cabelo escuro. Ela era… muito possivelmente… a própria pessoa que eu vinha procurando todo esse tempo.

E agora, o que fazer?

Meu objetivo sempre foi apenas encontrar alguém. Eu não havia pensado em nada sobre o que aconteceria depois. Minha mente estava tão amarela quanto os raios do sol — não tão vazia a ponto de ser branca, mas algo no meio-termo.

Por uma eternidade que parecia infinita, fiquei paralisada, totalmente consciente de cada momento agonizante — uma metáfora, talvez, para a vida em geral sob este céu interminável.

Os sapatos dela estavam gastos até a última fibra, como os meus, e ela cheirava a terra. Se eu tivesse que adivinhar, estávamos aproximadamente na mesma idade. Seus olhos esverdeados vacilavam incertos enquanto me olhavam. Ao encará-los, percebi que admirava sua beleza e, desesperadamente, procurava algo para dizer. Então notei o cabelo irregular e desgrenhado da garota e percebi que ela provavelmente estava sozinha, assim como eu.

“Olá!”

Apenas Yashiro, aconchegada na minha mochila, permanecia totalmente despreocupada naquele momento. Em retrospecto, se eu quisesse causar uma boa primeira impressão, provavelmente não deveria tê-la trazido comigo. Já podia ver os olhos da outra garota se arregalando.

“O-olá…”

“De fato.”

“…Eu, hum…”

Pelo jeito que ela olhava para o chão, tive a sensação de que tinha decidido ignorar a Yashiro. *Esperta*.

“Não esperava encontrar ninguém aqui.”

Aquelas palavras repercutiram no meu coração. Era tudo o que eu sempre quis… mas eu disse: “É. Eu também não tinha pensado nisso.” Não era uma grande apresentação, mas, ao mesmo tempo, era suficiente.

A garota sorriu de forma rígida, o que sugeria que não estava acostumada. Estávamos refletindo nossa inexperiência uma para a outra como espelhos.

Com um suspiro profundo, ela finalmente disse: “Sou Shima. E você?”

Sua voz era tão fria e revigorante quanto gelo. Quanto a mim, eu não precisava dar meu nome a alguém desde o dia em que conheci a forma de vida não identificada, então responder me tomou um momento.

“Eu sou…”